



2023

ANO DA REGRA
DE VIDA DOS
FRADES MENORES



CAPÍTULO II

“DOS QUE QUEREM **ABRAÇAR ESTA VIDA** E DE COMO DEVEM **SER ACEITOS**”

1. COMO É BOM TER UMA REGRA

A fé cristã é um fazer memória. E não é porque vivemos “de passado”. Mas na recordação de um feito buscamos o atualizá-lo, na sede de manter vivo o sentimento daquilo que é lembrado. Por isso é um casamento daquilo que foi com o que se vive para motivar o que vem a seguir. E somos ruminadores do antigo não porque o atual é sem graça: no exercício do reencontro com o passado, o hodierno ganha ainda mais sentido. E nessa dança entre o que foi, o que é e o que será bailamos nos embalos da música do mistério que se revela, se esconde, se mostra, se retrai. É antigo e sempre novo!

Neste sentimento, a Ordem quer reviver a emoção da aprovação da Regra. Mesmo 800 anos depois, numa empreitada assaz pretensiosa, os frades querem fazer memória e sentir na pele o como é bom ter uma Regra (e vivê-la). Logo no início, a diretriz deixa claro os passos que devem ser dados pelos corajosos que aceitam o desafio de “avançar para águas mais profundas” do seguimento de Cristo ao modo de Francisco de Assis. E é sobre este segundo capítulo da Regra que vamos aprofundar nossa reflexão, entendendo-o a partir do prisma vocacional, sendo corroborado pelo Ano Vocacional da Igreja no Brasil e da nossa Província.

2. “DOS QUE QUEREM ABRAÇAR ESTA VIDA E DE COMO DEVEM SER ACEITOS”

Até o período Neolítico, na pré-história, o ser humano era basicamente nômade. Sua vida girava em torno de questões de subsistência: alimentação e defesa. Entretanto, percebendo que era possível desenvolver meios agrícolas, aos poucos, a humanidade se sedentarizou. Surgiram as ferramentas, as aldeias. Entretanto, algo ali chama a atenção: prorrrompem os primeiros indícios de elementos que não tinham uma finalidade apenas pragmática, mas que possuíam mais cuidado na fabricação: arte. Com o tempo se desenvolve o senso de cultura, de estética, de subjetividade diante de um objeto ou situação, que passa a adquirir um sentido maior do que simplesmente uma ferramenta, e torna-se um símbolo.

Com isso, paulatinamente, a sobrevivência não se limitou apenas à caça de alimentos e proteção, mas uma “caça” de sentido

de vida. Castilho assevera que “nós humanos somos humanos porque possuímos uma capacidade simbólica e somos capazes de expressar nossas experiências simbólicas”[1].

Tais vivências crescem também com a adesão a certos costumes, tradições e modos de vida. Alguns surgem até como figuras a serem imitadas pelo exemplo. Eles suscitam nos outros o desejo de pretender viver um modo de vida específico, com suas simbologias próprias. Apresentando um itinerário, uma reflexão, aguçam o desejo humano, não só por alimento, mas por “norte”, por sentido, por objetivo.

E é aos desejosos de viver evangelicamente que Francisco escreve a Regra, asseverando que a ninguém é impreterível fazer isso: “Dos que QUEREM abraçar esta vida”. Estes almejam no fundo do seu coração, a partir de sua liberdade, ganhar o prêmio do Reino Eterno à medida que se configuram a Cristo. Isto é o seu simbólico. No entanto, primeiro experimentam um hiato entre a crise do que deverão vir a ser e, por outro lado, a certeza do que querem (discernimento). E o elemento que faz a ligação entre essas duas realidades é o desejo. Sobre ele, o Papa Francisco afirma:

“O desejo, todavia, não é a vontade do momento. A palavra italiana vem de um termo latino *de-sidus*, literalmente ‘a falta da estrela’, do ponto de referência que orienta o caminho da vida; ela evoca um sofrimento, uma carência e, ao mesmo tempo, uma tensão para alcançar o bem que falta. Então, o desejo é a bússola para compreender onde estou e para onde vou. (...) Obstáculos e fracassos não sufocam o desejo; pelo contrário, tornam-no ainda mais vivo em nós”.[2]

Os que estão fascinados por esta vida se tencionam para poder exercê-la. Como afirmou Castilho, a partir das experiências simbólicas o ser humano as expressa: ingressar na Ordem Franciscana, por exemplo, é uma expressão deste simbólico vivido. E assim tem a continuação do título da Regra: “De como devem ser aceitos”. Os que querem abraçar esta vida, a partir do mais puro desejo, precisam de um itinerário para o ingresso. Uma passagem: entre o incerto e o certo.

3. PRIMEIROS PASSOS (HÁBITOS) DE PENITÊNCIA E OBSERVÂNCIA DA CATOLICIDADE

O vocacionado a ser frade menor, desejoso de corresponder ao convite do Senhor, expressa esse simbólico por meio de uma nova vida. Mas esse processo acontece aos poucos, de penitência em penitência. Por isso necessita ser casmurro para construir novos hábitos. Para tal finalidade o hábito lhe é oferecido no ano da provação: para ser sinal de sua nova busca, para ser símbolo do seu primeiro passo e fazer memória constante da sua vocação, que não é apenas impulso pessoal, mas resposta contundente ao amor de Deus. Acerca da resposta à Graça de Deus, Konings afirma: “A consciência da fé cristã não é voluntarista, ávida de auto-afirmação. É agradecida, cheia de recordação e atenção. Pensa a partir da fonte da qual brotou: o amor de Deus que se manifesta em Jesus”[3].

Nos tempos modernos, o candidato já faz uma penitência durante o acompanhamento vocacional: nesta época, onde tudo deve ser instantâneo, a gradualidade, a gradatividade é penitência. O tempo de ir provando (acompanhamento vocacional) acontece com parcimônia para que a pessoa vá assimilando o novo modo de vida desejado, evitando assim que “engula quente” a experiência, não se saciando e degustando o momento verdadeiramente.

A penitência, aos poucos assumida para sempre, se torna via para abrir mão de qualquer coisa que possa desvirtuar o caminho, a fim de abraçar o que realmente conduz à plenitude da vocação franciscana. A pessoa despreza o pensar apenas em si mesmo (negação da autorreferencialidade) e assimila que a sua felicidade é fazer os outros felizes através da minoridade, da pobreza, da fraternidade e do serviço. Este é o seu novo hábito, que ora é mais fácil de vestir, ora mais exigente, mas nunca desprezível para quem quer se fazer frade menor. “A renegação jamais é um fim ou um ideal em si mesma. A coisa mais importante não é a apódose: ‘negue-se a si mesmo’, mas a prótase: ‘Se alguém quer vir após mim’. Dizer não a si mesmo é o meio, dizer sim a Cristo é o fim”[4].

Observar a catolicidade do candidato, como manda São Francisco, pode ser a busca por perceber se aquele chamado do irmão é uma resposta ao amor de Deus ou qualquer outra coisa que depois não sustenta sua vocação. É tomar o desejo

da pessoa nas mãos e tentar com ela identificar se o mesmo é factível a partir daquilo que se torna evidente: se nasce de um Encontro com Jesus. Se a pessoa tem primeira eucaristia ou crisma passa a ser algo óbvio, pois seu desejo de ingressar é fruto da experiência eclesial que realiza. E se esperou demais ou assumiu outro compromisso na vida ou possuía algo que a impede de ser religioso também é notório que ser frade não é o caminho: para cada realidade há a sua medida. Não é o provincial nem o animador vocacional que diz sim ou não. É a própria pessoa que apresenta a sua idoneidade e responde a si mesma. Cabe às instâncias clarear isso.

4. É TEMPO DE FAZER MEMÓRIA!

A profissão que realizamos é o assentimento ao simbólico que nos motiva. Fazer memória da Regra é ter a certeza de que assumimos um caminho porque queremos estar nele! Neste Ano Vocacional da Igreja do Brasil e de nossa Província, queremos restaurar as nossas motivações para aquilo que professamos. Queremos sentir na pele de novo, viver a memória da escrita e aprovação da Regra. E sonhamos espalhar este sentimento a mais corações desejosos por responderem ao chamado do Senhor e desejam fazer isso de modo franciscano.

Nós, confrades do Serviço de Animação Vocacional, por vezes ouvimos que somos os responsáveis por suscitar vocações. Pode ser que utilizemos de diferentes ferramentas (e devemos aprimorar muito isso) para estar no mundo dos jovens, apresentar o nosso carisma e provocá-los. Além disso, podemos nos qualificar para acompanhar estes casos. Mas cada irmão pode sempre incitar o convite, por palavras e atos, mostrando a vivacidade daquilo que professamos. O nosso fazer memória da Regra é uma sempre viva Tradição que nos impulsiona ao que vem à frente, uma vez que aderimos com o mais profundo desejo de corresponder ao chamado do Senhor a esta vida de penitência.

*Frei Gabriel Dellandrea
e Frei Jeê Paulo Andrade*

[1] CASTILHO, José M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 21.

[2] <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-10/papa-francisco-audiencia-geral-discernimento-desejo.html>

[3] KONINGS, Johan. **Ser cristão: fé e prática**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 98.

[4] CANTALAMESSA, Raniero. **Pastores e pecadores: retiro espiritual para bispos, sacerdotes e leigos engajados**. São Paulo: Ave-Maria, 2021, p. 33-34.